



O Brasil e a Nova Ordem Internacional



DIVULGAÇÃO / CORECON-MG

Os professores Javier Vadell, da PUC Minas, Cláudio Gontijo, Presidente do Corecon-MG, e Bernardo Campolina, da UFMG, debatem o cenário mundial

Como explicar o que é globalização atualmente? Como a expressão se desvencilhou, nas últimas décadas, do seu complemento mais direto, o neoliberalismo e o papel dos Estados Unidos nesse processo? Como se divide e se realinha o mundo político e econômico? Que desafios o Brasil enfrenta? Para destrinchar questões como essas, o Conselho Regional de Economia de Minas Gerais (Corecon-MG) convidou os professores Bernardo Palhares Campolina Diniz, economista e doutor em Geografia Humana, da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE/UFMG), e Javier Vadell, doutor em Ciências Sociais, do curso de Relações Internacionais (RI/PUC Minas) para um debate sobre a Nova Ordem Internacional, no dia 22/08, na sede da entidade. • (PÁGINAS 4 E 5)



DIVULGAÇÃO / CORECON-MG

Douglas Araújo propõe inserção de estudantes nos programas federais

Ciência Sem Fronteiras

O presidente do Centro Acadêmico do curso de Economia da Universidade de Montes Claros (Unimontes), Douglas Oliveira Araújo, que participou da 5ª Gincana Mineira de Economia 2013, nos dias 29 e 30 de

agosto em Belo Horizonte, defendeu a importância da inclusão dos estudantes de ciências econômicas das universidades brasileiras no programa governamental Ciência Sem Fronteiras (CSF) e conquistou apoio imediato do Corecon-MG. • (PÁGINA 7)

● Nova diretoria em 2014

Saiba quem estará à frente do Corecon-MG no próximo ano. Conheça os novos conselheiros para o triênio 2014/2015/2016, que estarão somando esforços e Valorizando a Profissão, e o resultado da consulta para presidente e vice-presidente. • (PÁGINA 3)

● Entrevista

Conheça um dos economistas pioneiros em Minas Gerais: Mário Guimarães Nunes Pinto, Registro nº 2, ex-presidente do Corecon-MG (1972/1978-1980). Ele trabalha com auditoria econômica e não esconde a alegria de exercer a profissão por mais de 50 anos. • (PÁGINA 6)

Gerações diferentes reforçam a importância do economista



ALESSANDRO CARVALHO

participação da turma jovem, com uma simpática aproximação com o Corecon-MG, 28 estudantes dos cursos de Ciências Econômicas das mais diversas regiões de Minas Gerais, na 5ª Gincana Mineira de Economia 2013, encerrando as atividades do mês do economista, que tem o seu dia comemorado em 13 de agosto. Numa disputa saudável, eles mostraram a boa formação e a garra de quem decidiu abraçar a profissão e contribuir para o melhor desempenho do país nas próximas décadas. Foram partidas acirradas com ajustes e propostas inovadoras, que em muito contribuíram para o sucesso do evento, o que pode ser conferido na página 7.

Outra contribuição importante à valorização da profissão está no exemplo dado pelo desempenho profissional de um prezado colega, no qual muitos de nós podem se espelhar, o registrado nº 2, Mário Guimarães, que aos 84 anos ainda trabalha e mostra que está atento aos acontecimentos, mantendo a leitura diária de jornais, com entrevista na página 6.

Vale lembrar ainda que, em 2014, o Corecon-MG estará sob nova direção, com a eleição dos economistas Antônio de Pádua Ubirajara e Silva e Pedro Paulo Moreira Pettersen, respectivamente da autarquia, à frente da chapa Valorizando a Profissão, título que antecipa as diretrizes dos trabalhos que serão realizados a partir de janeiro e reforça os avanços que conseguimos alcançar em 2013. Desde já, eles contam com o nosso apoio. Boa sorte aos que assumirão os desafios futuros!

Cláudio Gontijo
Presidente do CORECON-MG

DIRETORIA

Cláudio Gontijo: Conselheiro efetivo e presidente. Doutor em Ciências Econômicas pela New School for Social Research dos Estados Unidos. É professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. É mestre em Economia pela UNICAMP. Graduado em Ciências Econômicas na UFMG. Escritor e articulista de economia.

Fabrizio Augusto de Oliveira: Conselheiro efetivo e vice-presidente. Doutor e mestre pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde foi professor e ex-professor-adjunto da PUC Minas. Foi subsecretário da Secretaria de Fazenda do Estado de Minas Gerais, consultor na área do setor público para organismos nacionais e internacionais. É professor na Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e autor de diversos livros sobre economia.

Frederico Gonzaga Jayme Jr: Conselheiro Efetivo. Doutor em Economia pela New School for Social Research, Nova York, Estados Unidos. Mestre em Economia pela Universidade Estadual de Campinas e graduado em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais, é professor da FACE/UFMG.

Carlos Anibal Nogueira Costa: Conselheiro suplente. Doutor em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é graduado em Ciências Econômicas pela FACE/UFMG, onde é professor. Atua nos seguintes temas: Competitividade, Estratégia Empresarial, Política Industrial, Política Econômica.

Paulo Orestes Costa Lima: Conselheiro Suplente. Bacharel em Ciências Econômicas pelas Faculdades Integradas Bennett, tem especialização em Controladoria e Finanças pela FACE (UFMG). Auditor da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa – FUNDEP/UFMG e do Instituto de Pesquisa Econômica, Administração (IPEAD) e Auditor Membro da Comissão de Precatórios da Prefeitura de Belo Horizonte.

Raimundo de Sousa Leal Filho: Conselheiro Suplente. Doutorando do programa de pós-graduação em Economia do CEDEPLAR/UFMG, pesquisador em ciência e tecnologia da Fundação João Pinheiro, mestre e graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Wilson Benício Siqueira: Delegado Efetivo. Graduado em Ciências Econômicas pela UFMG, mestre em Ciência Política pela UFMG. Ex-presidente do CORECON-MG, gestão 2008/2010. É consultor financeiro e faz projetos para empresas públicas e privadas.

Róridan Penido Duarte: Delegado eleitor suplente. Especialista em Finanças pela Fundação Dom Cabral e em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro, é servidor do Banco Central. Graduado em Ciências Econômicas pela UFMG, foi diretor de administração e finanças da Prefeitura de Belo Horizonte e coordenador de logística e administração do Ministério do Trabalho e Emprego.



Presidente: Cláudio Gontijo | **Vice-presidente:** Fabrizio Augusto de Oliveira | **Conselheiros efetivos:** Cláudio Gontijo, Fabrizio Augusto de Oliveira, Pedro Paulo Moreira Pettersen, Daniela Almeida Raposo Torres, Lourival Batista de Oliveira Júnior, José Roberto de Lacerda Santos, Antônio de Pádua Galvão, Frederico Gonzaga Jayme Junior, Sylvania Maria de Carvalho Araújo | **Conselheiros suplentes:** Ronaldo Lamounier Locatelli; Leonardo Pontes Guerra; Raimundo de Sousa Leal Filho, Paulo Orestes Vidigal Martins da Costa, Carlos Anibal Nogueira Costa | **Delegado eleitor efetivo:** Wilson Benício Siqueira | **Delegado eleitor suplente:** Róridan Penido Duarte | **Delegados Regionais:** Governador Valadares: Douglas dos Santos Barduzzi; Itajubá: Maurílio Gomes de Magalhães; Itaipava: Ruperto Benjamin; Juiz de Fora: Maria Isabel da Silva Alvim; Montes Claros: Aloysio Afonso Rocha Vieira; Poços de Caldas: David Rebelo Fiorito; São João del Rey: Luiz Eduardo de Vasconcelos Rocha; Sete Lagoas: Jason de Oliveira Duarte; Uberaba: Cássio Silveira da Silva; Uberlândia: Leonardo Baldez Augusto; e Viçosa: Evonir Pontes de Oliveira. Gerente-executivo: Antônio de Pádua Ubirajara e Silva.



Comissão editorial: Carlos Anibal Nogueira Costa, Frederico Gonzaga Jayme Junior, Antônio de Pádua, Galvão e Daniela Almeida Raposo Torres

Jornalista responsável: Angela Drummond – MTB: 2332
ascom@corecon-mg.org.br

Diagramação: Jota Campelo | **Impressão:** Work Print | **Tiragem:** 5 mil

Correspondência: Rua Parailba, nº 777 – Funcionários
CEP: 30130-140 – Belo Horizonte – MG Tel.: (31) 3261-8127
corecon-mg@cofecon.or.br – www.portaldoeconomista.org.br

ÓRGÃO INFORMATIVO DO CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA DE MINAS GERAIS

Valorizando a Profissão

Eleição de um 1/3 dos conselheiros e consulta para presidente e vice-presidente para o exercício 2014 teve inscrição de chapa única, eleita em 30 de outubro

Nas eleições realizadas em 30 de outubro, na sede da entidade, para a renovação de 1/3 dos conselheiros dos integrantes da chapa Valorizando a Profissão, e consulta para presidente e vice-presidente dos economistas Antônio de Paula Ubirajara e Silva e Pedro Paulo Pettersen, respectivamente, houve ampla participação da categoria, com a votação mais expressiva dos últimos cinco anos. Foram 467 votos, dos quais nove presenciais; 437 válidos; 16 em branco e cinco nulos, por rasura nas cédulas, de um total de 2.718 economistas registrados em condições de voto.

Por tradição, o mandato de um ano tem se estendido, quando o presidente é reeleito, por mais um, embora o regimento permita a renovação por mais dois anos. O novo presidente estará à frente do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais – 10ª Região (Corecon-MG) no exercício de 2014, a partir de janeiro do próximo ano, tendo como vice-presidente o economista Pedro Paulo Moreira Pettersen.

O economista Antônio de Pádua

Ubirajara e Silva, 56 anos, é professor no Centro Universitário Newton Paiva há mais de 30 anos. Bacharel em Ciências Econômicas pelo Instituto



Antônio de Pádua Ubirajara e Silva

Cultural Newton Paiva Ferreira, em 1981, Antônio de Pádua tem se destacado no mundo acadêmico de Minas Gerais. Foi presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de Minas Gerais (2010 a 2011),

diretor da Federação Nacional dos Economistas (Fenecon), de 2010 a 2013, e diretor do Sindicato dos Professores de Minas Gerais (Simpro-Minas), de 1998 a 2013.

Com Pós-graduação Lato Sensu em Prática Pedagógica do Ensino Superior no Instituto Cultural Newton Paiva (1983-1984), Pádua estudou História na UFMG, acumula experiência internacional, tendo vivido nos Estados Unidos por longa temporada.

O vice-presidente Pedro Paulo Pettersen é graduado em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), mestre em Administração Pública com ênfase em Gestão Econômica pela Fundação João Pinheiro (2007), com especialização em Gestão da Informação pela UFMG (1995). Atualmente, é professor assistente da PUC Minas; professor assistente do Centro Educação de Formação Superior Faculdades Milton Campos, lecionando principalmente Economia Mineira, Economia Brasileira, Macroeconomia e Introdução à Economia; e Coordenador de Extensão dos Cursos de Economia e Administração da PUC Minas.

Histórico

Na presença do presidente da Comissão Eleitoral, Carlos Anibal Nogueira da Costa, dos demais membros e do representante da chapa Valorizando a Profissão, o economista Antônio de Pádua Ubirajara e Silva, foi feita a inscrição de uma única chapa para concorrer às eleições para os cargos de um terço (1/3) de conselheiros com mandato para os anos de 2014, 2015 e 2016, distribuídos em três conselheiros efetivos e três conselheiros suplentes, delegado-eleitor efetivo e delegado-eleitor suplente junto ao Conselho Federal de Economia (Cofecon); e consulta para presidente e vice-presidente do Corecon-MG.

Em cumprimento ao disposto nos artigos 29, §6º e 31 da Resolução nº 1833/2010 do Cofecon, a Comissão Eleitoral elegeu como membros da Mesa Eleitoral da Sede do Corecon-MG, os economistas Adriano Miglio Porto (Presidente), Raimundo de Sousa Leal Filho (Mesário) e Carlos Anibal Nogueira Costa (Secretário).

Como fica o Conselho:

1/3 com mandato de 3 (três) anos – 2014, 2015 e 2016

Pedro Paulo Moreira Pettersen: Conselheiro Efetivo

Silvânia Maria Carvalho Araújo: Conselheiro Efetivo

Lourival Batista de Oliveira Júnior: Conselheiro Efetivo

Luiz Cláudio Portela: Conselheiro Suplente

Daniela Almeida Raposo Torres: Conselheiro Suplente

Moisés Machado: Conselheiro Suplente

Delegado eleitor junto ao colégio eleitoral do Cofecon

Cláudio Gontijo: Efetivo

Pedro Paulo Moreira Pettersen: Suplente

Consulta para Presidente e Vice-Presidente para mandato de 2014

Antônio de Pádua Ubirajara e Silva: Presidente

Pedro Paulo Moreira Pettersen: Vice-Presidente

A Nova Ordem Internacional

Debate no Corecon-MG, dentro das comemorações do mês do Economista, reuniu especialistas em relações Internacionais, economia, professores e estudantes no dia 22/08

Como explicar o que é globalização hoje? Como a expressão se desvencilhou, nas últimas décadas, do seu complemento mais direto, o neoliberalismo e o papel dos Estados Unidos nesse processo? Para destrinchar questões como essas, o Conselho Regional de Economia de Minas Gerais (Corecon-MG) convidou os professores Bernardo Campolina Diniz, economista e doutor em Geografia Humana, da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE/UFMG), e Javier Vadell, doutor em Ciências Sociais, do curso de Relações Internacionais (PUC Minas) para um debate sobre a Nova Ordem Internacional, no dia 22/08, na sede da entidade.

Por quase três horas, a plateia, formada por economistas, professores, estudantes de economia e demais interessados, ouviu dos debatedores que os conceitos neoliberais, de que o crescimento dos países, principalmente os emergentes, estariam associados à redução da presença do Estado na economia, desregulamentação e estímulo às privatizações na defesa do livre mercado – ideias que chegaram ao auge com o fim da Guerra Fria e no Consenso de Washington – provocaram efeito contrário: baixo crescimento, controle sobre a moeda, fatores que emperram o desenvolvimento. Exceto a China, que estabeleceu planos de crescimento, na maioria dos países, a economia cresceu pouco e muitos deles, como a Argentina e a Bolívia, chegaram ao fundo do poço, mergulhados em crise.

Mas a globalização aí está, com a sua origem ligada ao próprio sistema capitalista e que, independentemente da sua associação inicial ao neoliberalismo, é incontestável e avança na medida em que ocorre a derrota intelectual do comunismo. Como competir na forma

“O discurso da globalização perdeu força, mas continua como processo impulsionado pelo capitalismo”, Javier Vadell



DIVULGAÇÃO / CORECON-MG

de organizar uma sociedade frente ao mundo livre onde as relações comerciais se ampliam, e a ciência e a tecnologia registram novas descobertas e produtos a cada dia? Questiona o professor Javier Vadell. Para ele, o caso do Ketchup Heinz, da multinacional Delimex, importado do México pela Quero Alimentos, contendo fragmentos de pelo de ratos detectados pela Vigilância Sanitária no Brasil, nos lotes 2C30 e 2k04, ilustra a situação de simultaneidade da globalização.

“Quando um consumidor brasileiro coloca o Ketchup na comida, do outro lado do mundo um chinês faz o mesmo, com o produto da mesma corporação.” O professor lembra ainda que apesar da expressão não ser nova, surgiu no final do século 19, com a chegada dos imigrantes, relacionada à força de trabalho, e no século 20, foi mais fortemente citada nas décadas de 1980 e 1990, a globalização, segundo acredita, entra agora em outra fase, mais associada às iniciativas como a Guerra contra o terror, principalmente no período pós-Bush, e com o 11 de Setembro, e até mesmo um pouco antes, durante o governo do seu antecessor, Bill Clinton. Mas, com o foco voltado para ações antiterroristas e no Al-Qaeda, a preocupação que o mundo capitalista

tinha com o dragão vermelho na Organização Mundial do Comércio (OMC) encolheu e a China cresceu.

Assim, segundo o professor da PUC Minas, as crises do fim do século 20 foram pontos de ruptura importantes para entender a Nova Ordem Internacional. O discurso da globalização perdeu força, mas continua como processo impulsionado pelo capitalismo. E como se encaixam as diretrizes do Consenso de Washington? O papel dos países da América do Sul, a despeito das dificuldades, também cresceu na Nova Ordem Internacional.

O professor Vadell registra ainda a questão da governança, que precisa se tornar mais evidente e menciona a diluição de tratados como Bretton Woods e Basileia 3, que levou ao que viria a longo prazo, a Crise Europeia. Para o professor, entre os desafios postos estão o papel da China, do Cone Sul e dos países periféricos.

Segundo o professor Bernardo Campolina, é importante destacar que os países emergentes, membros do G-6, passaram a integrar o G-8 e o G-20: “A reunião que era um encontro de ministros tornou-se uma reunião de líderes.” Essas novas realidades fazem com que a Ordem Internacional

se modifique. Afinal, houve mudança de sistema que levou ao fim da União Soviética; a China passou a adotar nova orientação a partir de 1988, processo iniciado no final da década de 1970, e o socialismo ruiu em 1989, enquanto o capitalismo se reestruturou com o resgate do liberalismo econômico, com a reforma dos sindicatos de trabalhadores, especialmente na Inglaterra, e ascensão de políticos como Tony Blair, que se tornou primeiro-ministro.

Esse realinhamento desvia o olhar concentrado nos Estados Unidos, Europa e Japão para uma nova orientação nas políticas externas. Nesse contexto, ele lembra que é preciso entender o papel da tecnologia: a primeira revolução foi a industrial (vapor e tecidos); a segunda (carvão e aço); a terceira (química); a quarta (Fordismo, com o petróleo como padrão energético); a quinta (decadência do Fordismo e Tecnologia da Informação) e a próxima, a sexta revolução: Nanobiotecnologia. Para ele, nesta Nova Ordem Internacional, a China e a Índia ganham papel relativo; a Rússia, com seus conhecimentos tecnológicos, ainda é uma incógnita, mas diz que tamanho territorial e população em idade produtiva contam como relevantes no desenvolvimento futuro. Quanto ao Brasil, tem a seu favor o território – 6,3% da área habitada do mundo –, mas ainda com desafios importantes.

Dentre eles, em que pese as dificuldades do câmbio, a participação do Brasil no PIB internacional passou de 0,8% em 2000 para 0,9% em 2011, enquanto no mesmo período o da China cresceu de 3,5% para 11,3%. É preciso entender que outras questões acontecem simultaneamente: a montadora coreana Hyundai, por exemplo, foi criada na mesma época em que a montadora brasileira Gurgel lançava os seus primeiros carros. Por que a coreana cresceu e a Gurgel afundou? São questões que mostram o que cada

país faz para assegurar o desempenho das suas empresas e o desenvolvimento.

No caso do Brasil, o professor aponta dificuldades como o idioma, que embora seja o mesmo em todo o país, é pouco falado no mundo. E mais, os entraves burocráticos; a baixa relação entre ensino e pesquisa com a produção; desigualdade social, concentração urbana e infraestrutura deficiente, mesmo com o bônus demográfico de uma população em idade produtiva. “Se o Brasil almeja um lugar no cenário internacional precisa fazer o dever de casa, com



DIVULGAÇÃO / CORECON-MG

“É preciso entender o papel da tecnologia”, Bernardo Campolina

planejamento marginal e secundário, reduzindo as desigualdades internas” e lembrou que, dentro de uma Nova Ordem Internacional, o Brasil ascendeu em cargos de instituições internacionais como as presidências da Organização das Nações Unidas para Alimentos e Agricultura (FAO) e da OMC.

Mas, para o presidente do Corecon-MG, Cláudio Gontijo, a China pode engolir todos os demais países emergentes. Isso porque planejou o crescimento e copia produtos de todo o mundo, como fez com os aviões da Embraer. Visita o país, recebe seus convidados,

conhece os produtos e faz a fábrica lá. É praticamente impossível concorrer com os chineses, que oferecem prazos de muitos anos, com juros reduzidos. Segundo observa, a China tem um projeto nacional desenvolvimentista. Não é como na maioria dos países, onde entra o acionista, principalmente depois da privatização das empresas estatais, que se preocupa apenas com dividendos. Foi assim que o parque siderúrgico brasileiro, que já ocupou o 8º no ranking mundial, despencou.

Segundo o economista, “matou-se o nacional desenvolvimentismo, e o erro continua. País que quer virar banqueiro, cerceia o desenvolvimento. E nem os Estados Unidos, que emitem dólares, escapa disso. O país que assume a hegemonia da moeda está, na verdade, minando o seu poderio no mundo. Os Estados Unidos tinham 60% de produção industrial, no fim da II Guerra Mundial, percentual este que não passa atualmente de 20%. Mas, para Cláudio Gontijo, o bom do neoliberalismo é que “não funciona”. Para ele, dismantlar o projeto de desenvolvimento do Brasil reduziu a menos da metade o crescimento.

Quanto à derrocada do comunismo após o fim da Guerra Fria, Cláudio Gontijo pondera que nunca se vendeu tanto a obra principal de Karl Max, O Capital, na Europa. Nessa Nova Ordem Internacional, os economistas encerraram o debate perguntando: Onde estão agora as instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird)?

No final do debate, Javier Vadell e Bernardo Campolina concordaram ao afirmar que o Brasil precisa fazer o dever de casa e o primeiro passo é apoiar países como o Paraguai e intensificar relações com os demais: “Se o Brasil almeja a liderança internacional precisa cuidar da América Latina, assim como a Alemanha e a França fazem com a União Europeia.”

Auditoria econômica é a especialidade dele



Ex-presidente do Corecon-MG, Mário Guimarães Nunes Pinto, é o registrado nº 2, de 1960.

Se existe alguém que dedicou a sua vida à valorização da profissão do economista é Mário Guimarães Nunes Pinto, 87 anos, registro nº 2 no Conselho Regional de Economia de Minas Gerais – 10ª Região. Da Escola de Comércio, onde fez o curso de Contabilidade, veio a vontade de se formar em Economia, o que foi feito logo em seguida com a aprovação no vestibular para a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG).

Desde a década de 1960, quando fez o seu registro de nº 2 – o nº 1 pertence ao seu amigo e mestre Admardo Terra Caldeira –, até hoje, ele trabalha em auditoria econômica em empresas e sabe a relevância do serviço que presta ao segmento da microeconomia e ao país.

AE — Por que o senhor escolheu a profissão de economista, sendo um dos pioneiros em Minas Gerais?

GUIMARÃES: Fiz o curso de contabilidade da Escola de Comércio, e assim que passou a ter validade de curso científico permitiu que eu fizesse o vestibular para a Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Era importante que eu tivesse essa formação e o passo seguinte foi escolher o ramo de atividade para seguir trabalhando com a formação que tive. Instalei um escritório de prestação de serviços para atendimento às representantes da microeconomia mineira, que se chamou Organotec, localizado na Avenida Amazonas. Neste escritório reuni as três matérias afins: contador, administrador e economista. Portanto, foi o início da profissão, com a separação das atividades, mas de forma complementar.

AE — Qual a diferença entre o trabalho de economista e o do

contador, as duas formações que o senhor tem?

GUIMARÃES: No caso do meu exercício profissional, as duas atividades tratam da empresa e da microeconomia, sendo que o contador executa a parte contábil das empresas, interna, como o recolhimento de impostos, entre outras atividades, e o economista cuida da representação da empresa comercial ou industrial mais voltada para fora, para a economia do país. Para isso, foi muito importante a ação da Associação Comercial de Minas Gerais na valorização do economista, com a criação de um departamento destinado ao trabalho do economista ali dentro. A FACE/UFMG já nasceu como referência nacional, uma das melhores do país, e contamos com a atuação de economistas que se tornaram ícones da profissão, como o Fernando Roquete Reis, que foi secretário da Fazenda e do BNDE (atualmente BNDES) e professor, sempre valorizando a equipe de economistas e ex-alunos, assim com o Elcio Costa Couto, Ronaldo Costa

Couto e o Admardo Terra Caldeira, um dos fundadores da FACE/UFMG, que sempre se destacou como um dos economistas pioneiros, com competência reconhecida pela sociedade brasileira.

AE — Entre os principais autores e teóricos da economia, quais o senhor citaria como admirador?

GUIMARÃES: Entre os que mais admiro estão os franceses Jean Marshal, da Presse Universitaire (Paris), da área de Economia Política; e Raymond Barre — (12 de abril de 1924, Saint-Denis — 25 de agosto de 2007, Paris), economista e político. Ocupou o cargo de primeiro-ministro da França entre 26 de agosto de 1976 a 21 de maio de 1981, sob a presidência de Valéry Giscard d'Estaing, e foi vice-presidente da Comissão Europeia na Comissão Rey e na Comissão Malfatti. São os primeiros nomes que me ocorrem quando a pergunta é feita.

AE — Com o privilégio de exercer uma carreira por mais de 50 anos, o que o senhor diria sobre o Brasil de hoje?

GUIMARÃES: Essa é uma resposta que depende da formação política de cada um, já que uns tendem para um lado e outros para o outro, com críticas diversas, mas vou tentar falar de forma não partidária: o Brasil era muito malvisto perante o exterior e, nessa condição, o país se modificou e se projetou nos últimos anos. Assim, se olharmos para trás, apesar dos pesares, vamos ver que o Brasil está muito bem! A nova presidente (Dilma Rousseff), em Nova Iorque, durante o encontro com os líderes mundiais na Assembleia Geral das Nações Unidas, brilhou ao falar que a espionagem praticada pelos Estados Unidos é um abuso no caso do Brasil. "Espionagem é afronta aos países", disse a manchete de um dos principais jornais do país, a partir da fala dela. Foi um desrespeito a empresas como a Petrobrás. A presidente fez muito bem em deixar claro que espionagem é inaceitável.

Disputa acirrada

Dupla feminina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) vence a 5ª Gincana Mineira de Economia

Foram dois dias de muita agitação. Disputas acirradas, duplas que mostraram estar preparadas para enfrentar qualquer desafio que vier na profissão e na vida adulta. Jogos e soluções, negociações e acordos, estratégias e conhecimento, tudo isso transformou em prática o que foi aprendido nas salas de aula dos cursos de Ciências Econômicas de 14 das 19 faculdades de economia de Minas Gerais. Nada menos do que 28 estudantes, sem limite de períodos ou idade, e o resultado mais importante: a integração entre futuros economistas com os sotaques característicos das mais diferentes cidades deste Estado, que tem tamanho territorial equivalente ao de países inteiros, como a França.

Idealizado pelo economista Paulo Sandroni e operacionalizado na prática pelo técnico Jayme Diaz, o jogo de Economia permitiu aos estudantes serem ministros e estrategistas por dois dias.

As estudantes Priscilla Medeiros de Oliveira e Thaiana Raissa Motta Thimoteo, da Faculdade de Economia de Juiz de Fora (UFJF), na Zona da Mata (MG), foram as vencedoras da 5ª Gincana Mineira de Economia 2013, uma promoção do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais – 10ª Região (Corecon-MG), sediada este ano pela PUC Minas. O 2º lugar ficou para a dupla Kaio Augusto Pinto Alli e Danilo Hanaoka Ibituruna, do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Houve empate técnico no 3º lugar na disputada partida entre os estudantes Frederico Bakunin Fernandes Ferreira e Geovane Raiononi Silva, do Centro Universitário UMA, de Belo Horizonte, e os estudantes Aroldo Rodrigues Soares Junior e Douglas Oliveira Araújo, do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), que dividiram o prêmio.

Os vencedores enfrentaram os oponentes vencedores das gincanas realizadas pelos Corecons de diversas regiões do país, nos dias 5 e 6 de setembro, em Manaus. A dupla mineira ficou em quinto lugar. A dupla Willian Eidt e Tiago Reichembach Elias, da Unioeste (Paraná), foi a vencedora nacional.



Vencedoras

"Estávamos bem preparadas, mas não foi fácil!", PRISCILLA MEDEIROS DE OLIVEIRA E THAIANA RAISSA MOTTA THIMOTEO (UFJF)
O prêmio foi entregue por Ana Maria Botelho, coordenadora do Curso de Ciências Econômicas da PUC Minas

Valiosa oportunidade de vivenciar parte do visto em sala de aula", RAFAEL CAMPOS (UFV)

"Uma oportunidade muito boa para aplicar os conhecimentos econômicos", PETER FELIPE DOS SANTOS (UFV)



"O jogo é uma maneira de assimilar variáveis econômicas", IGOR RIBEIRO DE ALMEIDA (PUC Minas)

"Apesar de algumas vezes precisar de sorte, o jogo permite a aplicação de conhecimentos acadêmicos", VICTOR FRADE PAIXÃO (PUC Minas)

"Oportunidade de testar conhecimentos de forma divertida e dinâmica", ÍCARO ROMERO DOS SANTOS BATISTA DE SOUZA (NEWTON PAIVA)

FOTOS: GLÁUCIA RODRIGUES

Estudantes de economia no Ciência Sem Fronteiras já!

O presidente do Centro Acadêmico do curso de Economia da Universidade de Montes Claros (Unimontes), Douglas Oliveira Araújo, que participou da 5ª Gincana Mineira de Economia, nos dias 29 e 30 de agosto, em Belo Horizonte, e defendeu a importância da inclusão dos economistas no programa governamental Ciência Sem Fronteiras (CSF) e conseguiu apoio imediato do Corecon-MG, reforçando a ação de mobilização dos estudantes de economia em torno da proposta.

"Estamos juntos na conquista de novos espaços para o economista, profissão essa que tenho orgulho de ter escolhido há quase 40 anos", disse o presidente do Corecon-MG. "Os estudantes interessados

em incluir os economistas no programa Governamental de Ciências Sem Fronteira podem contar com o nosso apoio", completou Cláudio Gontijo.

Segundo Douglas, foi uma surpresa o curso de Economia não estar incluído no Ciência Sem Fronteiras, "pois não há inovação sem empreendedorismo, e entre as várias funções do economista está empreender. Temos certeza de que o acréscimo do curso de Economia no programa Ciência Sem Fronteiras trará resultados satisfatórios para a economia brasileira, sendo o economista um profissional completo."

Diante dessa questão, uma carta do Centro Acadêmico foi entregue ao Ministro Fernando Pimentel,

de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e à representante do Ministério da Educação, Lovane de Souza Guerra, pedindo a inclusão do curso de Economia no programa, durante o "Encontro Estadual com Prefeitos e Prefeitas", em 31 de agosto, em Montes Claros.

O programa é desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com a participação das Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC.

Prateleira



DEPOIMENTOS EMPRESARIAIS III – NORTE DE MINAS

AUTOR: Organizado pelos professores Aloysio Afonso Rocha Vieira, Cleuber Vieira, Geraldo Matos Guedes e Marcos Fábio Oliveira | **PÁGINAS:** 182 | **EDITORA:** Unimontes | **PREÇO:** R\$ 25,00 | Comprar com o próprio autor Aloysio Vieira, 38 3216-7726, e-mail: aloysio@strategconsultoria.com.br

A obra aborda o cooperativismo no Norte de Minas - história e funcionamento de cooperativas de crédito (Credinor, Credinosso, NossaCoop, Coopermontes e Credigerais).



FINANCIAMENTO E APLICAÇÃO DE RECURSOS PÚBLICOS NA SAÚDE EM MUNICÍPIOS DE PORTE MÉDIO E COM GESTÃO PLENA

AUTOR: Geraldo Matos Guedes é professor do Departamento de Ciências Econômicas da Unimontes, desde 1984 | **PÁGINAS:** 135 | **EDITORA:** Unimontes | **PREÇO:** R\$ 25,00 | Comprar com o próprio autor Geraldo Guedes, 38 3212.1338, email geraldo_guedes@hotmail.com

O trabalho contribui para a compreensão do papel da saúde no processo de desenvolvimento social por meio do estudo do financiamento e da alocação

de recursos no setor, em municípios de porte médio com gestão plena do sistema municipal de saúde, após a descentralização administrativa e criação do Sistema Único de Saúde. São feitas abordagens sobre aspectos teóricos e legais das finanças públicas, com relação aos gastos sociais em saúde, com ênfase no desenvolvimento, direito à saúde, a política pública em saúde, controle da gestão pública e seus processos de avaliação. Busca explicitar a história da política pública de saúde, os gastos sociais em saúde no Brasil, em Minas Gerais, no Norte de Minas e em Montes Claros, confrontando com a experiência britânica.



ECONOMETRIA ESPACIAL APLICADA

AUTOR: Eduardo Almeida (UFJF) | **PÁGINAS:** 498 | **EDITORA:** Alínea | **PREÇO:** R\$ 72,00 | **LINK:** www.grupoatomoealinea.com.br/index.php/econometria-espacial-aplicada.html

Com linguagem clara e didática, procura-se transmitir de forma rigorosa a teoria e os conceitos da econometria espacial, sempre tendo em vista a possibilidade dos estudos aplicados. O livro apresenta as várias formas de incorporar os efeitos espaciais, isto é, a dependência e a heterogeneidade espaciais na modelagem econométrica, nas suas diversas fases, a saber, na especificação, na estimação, nos testes e diagnóstico e na previsão de modelos. Todo o conteúdo teórico é acompanhado

de exemplos e aplicações a fim de ilustrar a utilidade das técnicas e métodos da econometria espacial na explicação de uma variada gama de fenômenos.



INTRODUÇÃO À ECONOMIA - UMA ABORDAGEM LÓGICO-HISTÓRICA

AUTOR: Cláudio Gontijo | **PÁGINAS:** 239 | **EDITORA:** CRV | **PREÇO:** R\$ 55,00 | **LINK:** www.editoracrv.co.br

“O livro traz rica contribuição do ponto de vista histórico e analítico para o entendimento da formação, desenvolvimento e funcionamento do sistema econômico capitalista. O autor mostra o desafio das ciências, desenvolvimento e relação com o nascimento da Economia; formas de mensuração do sistema de produção e alocação de bens e serviços; a determinação da renda nacional e suas relações com a política econômica. Analisa, também, a gênese histórica do sistema capitalista, examinando as categorias analíticas de uma economia mercantil e as funções do dinheiro no seu funcionamento; o papel da tecnologia na geração do excedente econômico, o conflito distributivo e a formação dos preços; a gênese do sistema bancário e do mercado de capitais”, escreveu o reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Clélio Campolina. Fruto de quase vinte anos de experiência em sala de aula, a obra concilia realismo, com consistência analítica e contextualização histórica.